



Explorações Teóricas e Empíricas das Noções de Públicos, Esfera Pública e Contrapúblicos no Contexto Digital

Theoretical and Empirical Explorations of the Notions of Publics, Public Sphere, and Counterpublics in the Digital Context

Larissa Alboreda Gandolla¹

Dayana K. Melo da Silva²

Resumo: Este artigo examina, no contexto das tecnologias digitais e em rede, as noções de público, esfera pública e contrapúblicos, respectivamente elaboradas por Gabriel Tarde, Jürgen Habermas e Nancy Fraser. Por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e qualitativo aliada à etnografia digital, que mapeou grupos caracterizados como contrapúblicos, observou-se que a internet revela-se um espaço de novos arranjos sociais.

Palavras-chave: Públicos; Esfera pública; Opinião pública; Contrapúblicos; Tecnologias digitais e em rede.

Abstract: This article examines the notions of publics, public sphere, and counterpublics — as developed by Gabriel Tarde, Jürgen Habermas, and Nancy Fraser, respectively — within the context of digital and networked technologies. Through an exploratory and qualitative literature review combined with digital ethnography that mapped groups identified as counterpublics, the study highlights how the internet has become a space for new social configurations.

Keywords: Publics; Public sphere; Public opinion; Counterpublics; Digital and networked technologies.

¹ Estudante do curso de Relações Públicas da Universidade de São Paulo. E-mail: larissa.alboreda@usp.br

² Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. E-mail: dayanamelo@usp.br



Introdução

A criação da prensa possibilitou o aumento da produção literária e o desenvolvimento da imprensa no século XVI. A partir de então, textos escritos puderam ser acessados em diferentes localidades e a leitura foi popularizada para além do clero e da realeza. Indivíduos distantes entre si, antes isolados nos seus povoados pela barreira espacial, passaram a consumir as mesmas leituras e ter consciência que outros também o faziam simultaneamente. Assim, como indica o sociólogo francês Gabriel Tarde (1992), formavam-se agrupamentos de coesão virtual, ou melhor, os públicos modernos, os quais eram compostos por sujeitos que, mesmo distantes, compartilhavam de uma mesma vontade, fé ou objetivo.

Esse contexto social e tecnológico compôs o cenário ideal para o desenvolvimento da esfera pública burguesa descrita pelo sociólogo alemão Jürgen Habermas (2014). O surgimento dos públicos modernos significou que os temas das discussões entre diferentes grupos foram, em certa medida, homogeneizados, forjando-se assuntos ditos “de interesse público”. Além disso, as tecnologias de comunicação de então, os jornais, livros, etc., passaram a alimentar movimentações sociopolíticas e incentivar a mobilização dos públicos modernos, os quais buscavam se reunir para discutir as tais questões de “preocupação pública” e “interesse comum”, dando início ao desenvolvimento da esfera pública burguesa.

Porém, no artigo intitulado *Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy*³, publicado em 1990, a filósofa e feminista estadunidense Nancy Fraser destaca que a esfera pública habermasiana constitui uma estrutura hegemônica, limitada a certos públicos burgueses. Sendo assim, seus ideais de “interesse comum” e “preocupação pública” estavam forjados na exclusão da diversificação dos públicos. E, apesar disso, contestando a idealização da esfera pública por Habermas, ela observa o desenvolvimento dos contrapúblicos: públicos subalternizados, opositores à hegemonia.

Contudo, tanto as noções de público e de esfera pública quanto a ideia de contrapúblicos foram formuladas com base na análise de um cenário em que as tecnologias de comunicação eram bastante restritas se comparadas à atualidade. Desde então, já se previu que “uma

³ Repensando a Esfera Pública: Uma Contribuição à Crítica da Democracia Realmente Existente



revolução tecnológica concentrada nas tecnologias de informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado” (Castells, 1999, p. 91) de modo que as conjunturas político-sociais vêm sendo profundamente alteradas. A internet e todas as tecnologias digitais e em rede transformaram a antiga lógica unilateral dos meios de comunicação em massa, promovendo, com extrema velocidade, o diálogo entre indivíduos de localidades extremamente distantes ao redor do mundo. Por isso, é certo que a noção de esfera pública sofre alterações e os públicos e contrapúblicos têm suas configurações alteradas.

Pensando, então, nas transformações dos processos comunicacionais promovidos pelas tecnologias digitais e em rede, é que se constrói este presente artigo. A fim de explorar os desdobramentos das noções de públicos, esfera pública e, principalmente, contrapúblicos no contexto atual, foi realizada uma pesquisa etnográfica digital que mapeou a atuação em redes sociais e plataformas de entretenimento de três grupos brasileiros subalternizados caracterizados como contrapúblicos. Nesse sentido, as próximas seções retomam alguns dos principais aspectos das proposições de Fraser referentes à esfera pública habermasiana, articuladas às observações e os resultados da pesquisa.

1. Procedimentos metodológicos e dimensões teóricas

Este artigo parte de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório sobre as noções de público, esfera pública e contrapúblicos, que foram contextualizadas tomando como base a obra *A Opinião e as Massas* (Tarde, 1992), o prefácio de *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (Habermas, 2014) e o artigo *Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy* (Fraser, 1990). A partir de tais leituras e da articulação das principais ideias estabelecidas por elas, conduziu-se uma pesquisa etnográfica digital, num período de três meses, entre fevereiro e maio de 2023, com o objetivo de observar contrapúblicos no contexto das atuais tecnologias digitais e em rede. Pretendeu-se estudar os desdobramentos das respectivas noções tardiana e habermasiana de público e esfera pública e, sobretudo, a ideia de contrapúblicos, de Fraser, no cenário comunicacional da atualidade brasileira.



Para a realização da etnografia digital, adotou-se o papel de pesquisadora *lurker*, ou “silenciosa” (Polivanov, 2014), a fim de evitar interferências nos fenômenos observados. Então, foram utilizados perfis digitais nas redes sociais *Instagram*, *Twitter* (atual *X*) e *Facebook* exclusivamente criados para fins científicos e, portanto, sem informações pessoais ou fotos da pesquisadora. As plataformas citadas foram escolhidas tendo-se em vista que são amplamente usadas no Brasil.

Ainda levando em conta o objetivo da pesquisa, relacionado ao estudo de contrapúblicos nas tecnologias digitais e em rede, optou-se por mapear a atuação de páginas e perfis digitais de grupos, em vez de indivíduos, cujos trabalhos e dinâmicas fossem estreitamente vinculados às tecnologias digitais e em rede. Além disso, considerando que o poder político-social do Brasil segue uma lógica branca, burguesa, patriarcal e pouco jovem, buscaram-se grupos cujos perfis divergissem de tais aspectos, uma vez que contrapúblicos são aqueles opostos à hegemonia. O tipo de conteúdo que esses grupos produziam e a dinâmica em que funcionavam nas redes sociais e plataformas de entretenimento também era uma preocupação, visto que a noção de contrapúblicos faz referência a agrupamentos opositores à hegemonia não só por seus marcadores sociais, mas por sua coesão e atuação.

Nesse viés, o processo de seleção dos grupos partiu de pesquisas simples no *Google*, *Instagram* e *Facebook* por palavras-chave e *hashtags* como “feminismo”, “negritude”, “indígena”. Sem resultados satisfatórios, perfis de militantes das causas feminista, indígena e negra, já conhecidos pela pesquisadora, foram acompanhados nas redes sociais a fim de buscar por públicos e grupos com os quais estivessem conectados. Por fim, chegou-se aos seguintes perfis e páginas digitais: *Funkeiros Cults*, um grupo de jovens periféricos funkeiros (adeptos da cultura musical do funk original de zonas suburbanas e marginalizadas); *As Mina na História*, um grupo de mulheres feministas; *Choquei Parente*, um grupo de jovens indígenas.

Ao passo que a etnografia digital foi realizada, a pesquisadora pôde articular suas observações acerca das noções de público, esfera pública e contrapúblicos, exploradas previamente na pesquisa bibliográfica que envolveu a leitura das obras de seus respectivos autores. Nesse processo, havia a preocupação de que as pautas defendidas pelos grupos observados não se sobressaíssem a ponto de tomarem mais importância do que o mapeamento da atuação dos contrapúblicos nas tecnologias digitais e em rede. Entretanto, é fato que o



posicionamento político-social de cada coletivo influenciou na sua seleção e no jeito com que foram considerados e articulados neste artigo. Vale lembrar que a autora é uma jovem mulher branca de classe média, cujos ideais pessoais se opõem à lógica hegemônica brasileira, branca, burguesa, patriarcal e pouco jovem. Entretanto, é verdade também que ela compartilha de marcadores sociais privilegiados pelos discursos hegemônicos. E tudo isso, ainda que involuntariamente, atravessa sua perspectiva científica.

2. O desenvolvimento dos públicos, contrapúblicos e da esfera pública burguesa

Os públicos modernos, analisados por Gabriel Tarde na obra *A Opinião e as Massas*, originalmente publicada em 1901, eram agrupamentos de coesão virtual que surgiram em função das tecnologias de comunicação como os jornais, livros e cartas. Por causa desses novos meios, pessoas distantes entre si agora sabiam compartilhar de um mesmo objetivo ou fêz umas com as outras, influenciadas pelas suas leituras. Nesse contexto, indivíduos poderiam fazer parte de mais de um público ao mesmo tempo, conferindo certa diversificação a esses novos agrupamentos.

Por outro lado, Tarde também descreveu, na mesma obra, as multidões. Elas eram agrupamentos físicos que, ao contrário dos públicos, tinham sua extensão limitada pelo alcance da visão e da voz de uma liderança única. Além disso, tinham como fator de coesão similitudes étnico-culturais, configurando grupos menos diversificados se comparados aos públicos. Assim, o sociólogo notou que as multidões eram mais agressivas e destrutivas do que os públicos. Apesar das diferenças, Tarde observou também que públicos poderiam tornar-se multidões, uma vez que se reunissem fisicamente.

A esfera pública burguesa, por sua vez, é constituída por reuniões de indivíduos para discussão de assuntos de “interesse comum” e “preocupação pública”. Jürgen Habermas, na obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, originalmente publicada em 1962, notou que, a partir do século XVIII e início do século XIX, cidadãos e burgueses alemães, cujos hábitos de leitura eram direcionados “para o fluxo de novas publicações” começavam a se reunir e desenvolver uma esfera pública. Já na França, a Revolução Francesa, junto com outros



movimentos que a precederam, propulsionou a “politização de uma esfera pública inicialmente de cunho literário e voltado para a crítica de arte” (Habermas, 2014, p. 39).

Então, públicos modernos formavam a esfera pública ao se reunirem fisicamente para discutir seus assuntos de “interesse comum”. Desse modo, por causa de sua natureza presencial, possivelmente a esfera pública burguesa adquiria certos aspectos semelhantes às multidões, entre as quais as similitudes como fator de coesão e fortalecimento do grupo. Talvez por isso, tornavam-se excludentes. Por outro lado, é certo que existiam outras formas de exclusão entre os próprios públicos modernos, já que nem toda a população europeia tinha acesso à leitura garantido, em função de sua classe social por exemplo. Apesar de todas as maneiras de exclusão, grupos subalternizados nesses processos constituíam o que Fraser (1990, p. 67) chamou de contrapúblicos, os quais atuavam de modo importante e decisivo na esfera pública burguesa, inclusive ao criarem suas próprias esferas públicas a seus modos.

Os contrapúblicos, por vezes, surgiam da tensão entre a esfera pública burguesa e parcelas da população marginalizadas pela hegemonia. Mas, em outras ocasiões, o contrário acontecia: na França a esfera pública republicana surgiu em oposição à cultura de salão, majoritariamente feminina, que compunha um contrapúblico. Casos como esse não foram considerados na obra de Habermas, que via nos conflitos entre os públicos burgueses e os contrapúblicos somente um pano de fundo para o desenvolvimento da esfera pública burguesa. Mais do que isso, o sociólogo alemão percebia a emergência das diversificações dos públicos como a decadência da esfera pública burguesa (apud. Fraser, 1990, p. 66). E, disso, lê-se a premissa habermasiana de que a esfera pública ideal é única e que a multiplicidade de públicos a distancia da democracia.

Fraser (1990, p. 70) refuta a idealização habermasiana ao observar que espaços interpúblicos podem fundamentar progressos positivos. Porém, uma esfera pública empírica e idealmente diversificada implica em outras questões. Por exemplo, da diversificação cultural interpúblicos, como se definem o que são as “questões públicas”, de “interesse comum”, sobre as quais a esfera pública há de discutir e deliberar, como indica a teoria habermasiana? Fraser contesta (1990, p. 71) o entendimento de que o interesse “público” ou “comum” refira-se de fato àquilo que preocupe a todos, porque dificilmente há unanimidade quanto a preocupações ou prioridades. O que é público ou privado não tem limites naturais *a priori* e só pode ser



definido por meio da contestação discursiva e a deliberação. Democraticamente, a maioria acaba por decidir e reprimir a minoria que discorda, assumindo-se, assim, uma identidade pública que potencialmente silencia certos indivíduos. E, além disso, nesse processo, alguns temas acabam sendo designados a cenários discursivos especializados, a fim de protegê-los da discussão em bases mais amplas e, então, silenciar algumas demandas. Nessa dinâmica, os públicos hegemônicos são potencialmente mais fortes e, portanto, os grupos subordinados tendem a ser prejudicados. Assim sendo, é problemática a premissa da esfera pública burguesa habermasiana que prevê seu discurso interno sempre a tratar do “interesse comum” e da “preocupação pública” e a evitar questões da vida privada.

Também por isso, Fraser (1990, p. 72) discorda, portanto, da idealização habermasiana de uma esfera pública única. Isto é, nesse cenário grupos subordinados não há espaços para processos comunicativos sem a supervisão dos grupos dominantes e nem possibilidade de deliberações que respeitem suas necessidades, objetivos e estratégias. E é nesse sentido que o desenvolvimento de contrapúblicos, sim, representava uma aproximação da democracia, pois criava espaços para discussão e deliberação de seus próprios assuntos de interesse, além de exercer influência na esfera pública burguesa e na dita opinião pública.

3. Públicos, contrapúblicos e esfera pública no contexto das tecnologias digitais e em rede

A esfera pública burguesa descrita por Habermas, num primeiro momento, constituía uma força de cobrança por informações quanto às funções do Estado. Pretendia-se, então, que esse último fosse julgado pela opinião pública, a qual se desdobrava e se legitimava na esfera pública. Mas, a seguinte “politicização da vida social”, a ascensão de uma imprensa opinativa e a luta contra a censura e pela liberdade de opinião caracterizam a mudança de função da rede expandida da comunicação pública” (Habermas, 2014, p. 39-40) que passou a transmitir ao Estado o interesse geral da esfera pública. E, com o tempo, a esfera pública, que tinha espaço sobretudo nas associações liberais, passou a ser legitimada em instituições parlamentares de um governo representativo.

Desde os períodos que contextualizaram as noções de públicos, esfera pública e contrapúblicos, novas tecnologias de comunicação transformaram profundamente o cenário



político-social. Eventos como a queda do muro de Berlim em 1989, por exemplo, só tiveram tamanho impacto geopolítico internacional porque suas multidões foram potencializadas ao serem “transformadas em uma presença ubíqua por meio da TV” (Habermas, 2014, p. 86). Assim, a ideia de agrupamento físico, que diferenciava as multidões dos públicos modernos (Tarde, 1992), começava a desempenhar outro sentido e maior alcance por meio de imagens televisionadas.

Depois disso, a ascensão e popularização da internet, principalmente a partir do fim dos anos de 1990 e início dos anos 2000, passou a gerar novas possibilidades político-sociais ao abrirem lugar para a comunicação multidirecional. Os *media*, antes, comunicavam em direção única e de formas restritas, de modo que os interlocutores tinham um papel bastante passivo. Os dispositivos comunicacionais eram considerados, sobretudo, por seu papel comunicativo instrumental. Mas, na internet, indivíduos passaram a receber e consumir informações e conteúdos difundidos por terceiros, além de poderem produzir e divulgar seus próprios conteúdos e opiniões pessoais em diálogo direto e em tempo real com pessoas de qualquer outro país ou continente.

Revelou-se, assim, uma nova e diferente estrutura para articulação das esferas públicas; um novo tipo de “espaço”, agora digital, onde os conceitos de público e multidão se fundem e se alteram. Indivíduos agora não precisam mais se encontrar fisicamente para discutirem questões de “interesse comum”; o diálogo ao vivo pode acontecer nas próprias plataformas digitais. A esfera pública burguesa parece não ter mais espaço principalmente nas associações liberais, mas sim na internet, através da qual as próprias instituições parlamentares que a legitimam também se desenvolvem de certo modo e se beneficiam. Esferas públicas de agrupamentos opositores à hegemonia tais como os contrapúblicos também se manifestam no ambiente digital e, inclusive, têm sua atividade em certa medida potencializada.

Assim, movida, principalmente, pelo interesse na observação dos desdobramentos da noção de contrapúblicos de Nancy Fraser, os seguintes grupos caracterizados como tal foram mapeados nas redes sociais e plataformas de entretenimento. Lê-se um resumo de cada um dos três grupos com informações coletadas até maio de 2023 (Quadro 1):

Quadro 1. Corpus da observação empírica



Coletivos	Atividades e redes sociais digitais observadas
<i>Funkeiros Cults</i>	Fundado como um grupo no <i>Facebook</i> em 2020 por Daryel Teixeira, jovem morador de uma favela em Manaus (AM), divulga e cria imagens relacionando a estética e estilo “funkeiro” à literatura, à filosofia e ao conhecimento científico em geral. Seu conteúdo normalmente é propagado nas redes sociais digitais por meio de <i>memes</i> . Também atua como espaço para compartilhamento de produções artísticas, conteúdo educativo e reflexões diversas de autoria do próprio coletivo, assim como de terceiros, os quais normalmente vivem a realidade periférica. O coletivo já fez aparições em TV aberta, promoveu eventos em favelas de Manaus e, mais recentemente, lançou modelos de camiseta com estampa original. Administra um perfil no <i>Instagram</i> e no <i>Twitter</i> (atual <i>X</i>), um canal no <i>Youtube</i> , além de uma página e dois grupos no <i>Facebook</i> , dos quais um é destinado ao compartilhamento de obras literárias e acadêmicas em PDF. Ao todo, reúne cerca de 441 mil seguidores. (Ver: https://instagram.com/funkeiroscults ; https://twitter.com/funkeiroscults ; https://youtube.com/@funkeiroscultstv8778 ; https://www.facebook.com/funkeiroscults).
<i>As Minas na História</i>	Ativo desde 2015, produz e compartilha postagens sobre o protagonismo de mulheres na História, destacando personalidades femininas de todo o mundo e seus feitos. Suas publicações envolvem fotos, vídeos longos e curtos de teor documental, entrevistas biográficas, etc. Também esteve presente e promoveu encontros e rodas de conversa presenciais, entre 2015 e 2018, sobre protagonismo feminino. Está presente no <i>Instagram</i> , no <i>Facebook</i> , no <i>Twitter</i> (atual <i>X</i>), no <i>Youtube</i> e possui um site próprio. Além disso, sua página do <i>Facebook</i> propõe um clube do livro, disposto num grupo na mesma rede social, o qual conduz todo mês uma leitura que resgate à memória de uma mulher. Ao todo, reúne cerca de 691 mil e 408 seguidores. (Ver: https://instagram.com/asminanahistoria ; https://twitter.com/minasnahistoria ; https://www.youtube.com/asminanahistoria ; https://www.facebook.com/asminanahistoria).
<i>Choquei Parente</i> ⁴	Composto por jovens de diferentes etnias indígenas do Brasil, atua desde 2022 nas redes sociais como central de notícias dos povos indígenas. Nas suas postagens, propõe questionamentos e discussões sobre assuntos de interesse indígena. Sua atividade contempla questões políticas, de entretenimento e “fofoca” entre a própria comunidade indígena, concentrando-se sempre no protagonismo dos povos nativos. Em 2022, promoveu o prêmio “Melhores do Ano” no seu perfil no <i>Instagram</i> , realizando as votações nos <i>stories</i> e divulgando o perfil dos vencedores em posts no <i>feed</i> . Mantém publicações e compartilhamentos regularmente no <i>Instagram</i> e <i>Twitter</i> (atual <i>X</i>), juntando, no total, cerca de 12 mil e 800 seguidores. (Ver https://instagram.com/choqueiparente ; https://twitter.com/choqueiparente).

Fonte: elaborado pelas autoras.

O *Funkeiros Cults*, nasce de modo um tanto orgânico em resposta divertida à hegemonia brasileira, que marginaliza o funk, cultura musical original de zonas suburbanas e marginalizadas. O grupo surgiu no *Facebook*, onde seu fundador, Daryel Teixeira, passou a compartilhar imagens de si mesmo no modelo da imagem abaixo (Figura 1).

⁴ O perfil do grupo no *Instagram*, principal rede utilizada, foi desativado no fim de 2023 por motivo desconhecido. O perfil no *X* (antigo *Twitter*) continua ativo, apesar de sua última publicação datar de alguns meses antes da produção deste artigo.



Figura 1. *Funkeiros Cults*



Fonte: <https://instagram.com/funkeiroscults>

Na imagem vê-se a figura de um jovem cuja vestimenta remete à estética do funk, acompanhada de um texto que combina gírias e expressões coloquiais com conceitos filosóficos. Com humor, os símbolos visuais do funk associados às referências literárias propõem uma ressignificação da figura do funkeiro, comumente estigmatizada pelos grupos dominantes. Além disso, ao estimular a desmistificação e acessibilidade ao conhecimento erudito, dominado e usado como ferramenta de domínio pela elite social, o grupo promove possibilidades de diálogo e embate à hegemonia.

Ao promover e validar suas próprias linguagens, símbolos e interesses, o grupo ultrapassa a ideia limitante de igualdade discursiva, idealizada por Habermas numa esfera pública única como fator de manutenção da democracia. Crer que a premissa de igualdade no campo da discussão seja suficiente para uma deliberação justa é proveitoso para os grupos hegemônicos porque maquia desigualdades e injustiças sociais e supõe que a esfera pública seja isenta de graus culturais quando, na verdade, nas sociedades estratificadas, grupos sociais diferentes têm valores e códigos diversificados que acabam por criar pressões informais e marginalizar as questões daqueles que estão subordinados (Fraser, 1990, p.63-64).



No mesmo viés, o grupo *Choquei Parente* faz publicações que variam entre seriedade política, humor, sarcasmo e entretenimento. Assim, com uma abordagem bastante atrativa e adaptada às redes sociais digitais, levanta questões e propõe discussões de interesse do seu público (majoritariamente indígena, vide o nome - Parente - que é um termo usado por indígenas em referência a indígenas). A seção de comentários das suas publicações torna-se, quase sempre, arena de debate entre seus seguidores sobre questões que os afetam diretamente como membros de povos originários.

A exemplo, o post de *Instagram* reproduzido abaixo (Figura 2) divulga um concurso de beleza que teria lugar no ATL 2023 (Acampamento Terra Livre). Nota-se que, além de divulgar o ATL, um encontro anual de povos nativos que propõe a discussão de questões relacionadas a demandas indígenas culturais, territoriais, etc., a imagem sugere padrões de beleza que subvertem à ordem hegemônica branca. Isto é, trata-se da valorização de linguagens visuais e características físicas próprias de povos indígenas. Nos comentários, há quem apoie a iniciativa e se mostre interessado em participar e há quem a conteste, ainda combatendo configurações hegemônicas, questionando se os critérios competitivos se baseariam em noções de magreza ou mesmo afirmando que o próprio conceito de concurso de beleza fundamenta-se na branquitude.

Figura 2. *Choquei Parente*



Fonte: <https://instagram.com/choqueiparente>



Por vezes, nessa nova arena de debate, é possível observar também certa agressividade, o que era característica mais comum entre as multidões sob perspectiva de Tarde. Mas a distância entre os membros de públicos digitais e mesmo seus oponentes é tão atenuada pelas tecnologias digitais e em rede que os públicos digitais são como multidões em certos momentos. Além disso, nas redes sociais é possível obter informações pessoais (às vezes falsas) dos indivíduos de um mesmo público ou mesmo de um público diferente e, então, emergem relações cujo fator de coesão se relaciona com similitudes étnico-culturais, assim como nas multidões. Nesse sentido, entre os comentários da página de *Instagram* do grupo *Choquei Parente*, eventualmente vê-se certa hostilidade entre indígenas e não-indígenas em relação a opiniões políticas contrárias umas às outras ou, simplesmente, vindas de não-indígenas provocativos de maneira xenofóbica.

Já o post de *As Mina na História*, reproduzido em seguida (Figura 3), promove reconhecimento à poetisa e ativista Audre Lorde. A partir da imagem e sua legenda, divulga-se o protagonismo dela, mulher negra e lésbica. Apesar de desenvolver aspectos de representatividade, o trabalho do grupo em questão ultrapassa noções generalistas de protagonismo feminino, ao passo que, dedica-se a compartilhar a biografia específica de cada personalidade selecionada, assim como retratos fotográficos e trechos de suas obras ou falas a elas atribuídas. Desse modo, constrói-se um combate feminista e busca-se, ao mesmo tempo, respeitar as histórias pessoais e suas peculiaridades e diferenciações.



Figura 3. *As Mina na História*



Fonte: <https://instagram.com/asminanahistoria>

É fato que nas redes sociais digitais, esses grupos não têm toda a liberdade que Fraser idealiza aos contrapúblicos para que eles possam desenvolver seus processos comunicativos e suas deliberações próprias. As tecnologias digitais e em rede continuam sob o poder da hegemonia e funcionam de acordo com sua lógica de domínio (Zuboff, 2021). A internet dispõe de dispositivos quase invisíveis, como os moderadores e algoritmos, que controlam e conduzem a difusão de conteúdo online. Tais dinâmicas funcionam em função dos interesses das empresas privadas que possuem as redes sociais digitais e, certamente, preservam a já citada lógica hegemônica. Portanto, a atividade dos contrapúblicos nesses meios é limitada.

Logo, tendo-se em vista o “desenraizamento acompanhado da impotência diante de uma complexidade sistêmica não transparente” (Habermas, 2014, p. 87), percebe-se que a ideia



de publicidade, que se desenvolveu na esfera pública burguesa, foi potencialmente corrompida e a economia e o aparato do Estado, integrados, passaram a influir definitivamente na esfera e na opinião pública.

Entretanto, ao possibilitar uma comunicação multilateral, a internet conferiu aos agrupamentos sociais mais amplitude, promoveu mais interseções entre grupos e potencialmente expandiu o que eram as esferas públicas, antes restritas também em função de limites espaciais. Desse modo, as expressões e exposições dos grupos minorizados também ganham maior alcance e a internet torna-se uma arena de debate entre diferentes grupos. Considerando que, como defende Nancy Fraser (1990, p. 68), o exercício dos públicos subalternizados tem potencial emancipatório e que os próprios conflitos interpúblicos propiciariam discussões mais construtivas, o potencial de difusão da internet torna a atividade dos grupos assim caracterizados ainda mais positiva.

Além disso, o fato dos grupos analisados se apropriarem das tecnologias digitais e em rede, nesse caso, das redes sociais digitais nas quais estão inseridos, e de seus mecanismos, pode se caracterizar como um movimento de combate à hegemonia e a seus interesses excludentes. Da mesma maneira, o desenvolvimento de, por exemplo, páginas deles e para eles, onde acontecem discussões deles e para eles, como realiza o *Choquei Parente*, conflitua com a esfera pública habermasiana. Tais grupos, desse modo, que representam contrapúblicos na perspectiva de Fraser, vêm ganhando espaço e notoriedade entre um público direto e indireto, de modo que as discussões interpúblicos tornam-se possíveis e a opinião pública é potencialmente afetada.

Há, então, um evidente combate às dinâmicas que silenciam os subalternizados e minorizados diante das majorias e da hegemonia como previa Fraser em relação à esfera pública habermasiana. Mais do que isso, nota-se que os grupos mapeados enfrentam diretamente tal tendência, ao comporem frentes de resistência à hegemonia por meio de suas expressões observadas. Além disso, atividades como as do grupo *As Mina na História*, que reconhecem as particularidades e pessoalidades de cada uma das personalidades femininas divulgadas, representam um combate à tendência de silenciamento dos próprios indivíduos diante das majorias democráticas e seus interesses julgados “públicos”, sobre a qual escreve Fraser (1990, p. 70-74).



Observa-se, ainda, que o caráter de entretenimento que os três grupos mapeados por vezes assumem é de extrema relevância. Grupos que se opõem à hegemonia não precisam fazê-lo com austeridade o tempo todo e o próprio divertimento é resistência em muitos aspectos. Mas, para além disso, em se tratando de redes sociais digitais, o entretenimento serve também de estratégia de alcance e engajamento. Nesse sentido, os grupos analisados consolidam-se ao utilizarem de memes, piadas, provocações bem-humoradas e conteúdos diversos que entretêm seus membros.

Considerações finais

Este trabalho estudou as noções de públicos, contrapúblicos e esfera pública, explorando-as teórica e empiricamente no contexto das tecnologias digitais e em rede. Os três conceitos revelam-se estreitamente relacionados entre si, além de diretamente influenciados por fenômenos e tecnologias de comunicação. Nesse sentido, em 2023, a noção de públicos modernos, desenvolvida por Gabriel Tarde, apesar de relevante, demonstra-se transformada pelas novas dinâmicas comunicacionais promovidas pela internet, que mais do que nunca, aproxima virtualmente indivíduos distantes entre si. Assim, também a noção de esfera pública, de Habermas, assume nova configuração no contexto atual, onde parte significativa dos encontros e discussões acontecem em ambientes digitais. Os contrapúblicos, adaptando-se às novas realidades digitais, ora positivas, ora prejudiciais, desdobram-se de modo a manterem suas forças de oposição à hegemonia.

Para a realização deste trabalho, três grupos digitais de públicos subalternizados, foram mapeados e analisados por meio de uma etnografia digital. A pesquisa, apesar de desafiadora, revelou-se muito potente, mesmo mais de um ano depois de sua realização, na época de produção deste artigo. Os grupos analisados caracterizam-se como contrapúblicos atuais que, apesar de, em alguns aspectos, assumirem nova configuração no ambiente digital, relacionam-se diretamente com o conceito de Nancy Fraser, exercendo papéis importantes e dinâmicos no desdobramento das esferas públicas e na construção da opinião pública.

Ressalta-se, ainda que a atuação dos antigos assim como dos atuais contrapúblicos composto por mulheres, assim como aqueles constituídos por outras classes subalternizadas ou



que diziam respeito a questões que uniam indivíduos de diferentes classes e gêneros, foram e são fundamentais para que a contestação da esfera pública burguesa atual possa ser feita, assim como para a evolução da teoria crítica da democracia.

Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. **Social Text**, Durham, v. 25/26, p. 56-80, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Unesp, 2014.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**. v. 1, n. 3, p. 61-71, 2014.

TARDE, Gabriel. **A Opinião e as Massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.